

# Einstein no Rio de Janeiro: impressões de viagem<sup>1</sup>

ALFREDO TIOMNO TOLMASQUIM

Numa fria manhã de inverno, em janeiro de 1924, Albert Einstein recebeu em sua casa, na Haberlandstrasse 5, em Berlim, uma carta do Reitor da Universidade de Buenos Aires, José Arce, convidando-o para um ciclo de conferências naquela instituição<sup>2</sup>. Um convite vindo da América do Sul não o surpreendia. Afinal, chegavam convites diariamente de todos os lados, para as mais variadas finalidades: viagens, participação em solenidades, ciclo de conferências, discursos políticos, pedidos para tradução de seus artigos, e até solicitações de um retrato seu para ser colocado no laboratório de alguma universidade, ou na sala de estar de alguém. Além disso, a Universidade de Buenos Aires já havia demonstrado interesse explícito pelo seu trabalho. Dois anos antes, ele havia recebido um pedido para que autorizasse a *Revista do Centro de Estudantes de Engenharia* a traduzir para o espanhol seu artigo sobre a *Teoria Geral da Relatividade*<sup>3</sup>; posteriormente, o Conselho da mesma Universidade lhe conferia o diploma de “Doutor *Honoris Causa* em Física e Matemática”<sup>4</sup>.

Aos poucos, Einstein ia se acostumando com a fama a que fora lançado subitamente a partir da inesquecível sessão conjunta da *Royal Society of London* e da *Royal Astronomical Society*, em 6 de novembro de 1919. Naquela cerimônia, o astrônomo Sir Frank Dyson anunciara solenemente ao mundo os resultados obtidos pelas expedições enviadas

\*Artigo originalmente publicado em Einstein e o Brasil, org. de Ildeu de Castro Moreira e Antonio Augusto Videira, Rio de Janeiro: Ed.UFRJ.

<sup>1</sup> Este artigo consiste numa forma de narrativa livre e romanceada da viagem de Einstein, a partir de fontes documentais, tais como correspondências, seu diário de viagem e jornais de época, e em depoimentos de pessoas, tanto através de biografias, como oralmente. Os pensamentos de Einstein, que constam do texto, são baseados, em sua maioria, em escritos em seu diário, ou em sua correspondência, mas não necessariamente aconteceram no momento, ou no contexto especificamente citado. Evitei propositalmente desenvolver estudos analíticos sobre a visita, sobre Einstein, ou sobre o ambiente brasileiro na época, para não quebrar a fluidez do texto. Essas análises, bem como trechos dos documentos e do próprio diário, constarão do livro que estou escrevendo sobre a viagem de Einstein ao Brasil, a ser publicado brevemente.

<sup>2</sup> Rectorado de la Universidad de Buenos Aires para Einstein, 31/12/22. Arquivo Albert Einstein - AE43.094 -1/2/3/4.

<sup>3</sup> Revista del Centro de Estudiantes de Ingenieria para Einstein, 05/04/23. AE 44.740

<sup>4</sup> Rectorado de la Universidad de Buenos Aires para Einstein, 13/10/22. AE 30.160, 30.162, 30.163, 30.165

para observar o eclipse do Sol em Ilha de Príncipe, no Golfo da Guiné e, em Sobral, no Ceará. Divulgava-se, então, que estava correta a exótica teoria que determinava que o universo era curvo, e que a luz se desviava pela força gravitacional dos corpos. As fotografias tiradas durante o eclipse comprovavam que a luz emitida pelas estrelas era desviada pela força gravitacional do Sol. Einstein esperara muito por essa notícia. Outras expedições já haviam tentado fotografar um eclipse total do Sol o que forneceria os dados observacionais necessários para comprovar experimentalmente a deflexão da luz. Em 1914, por exemplo, uma expedição chefiada por Erwin Freundlich tentara observar um eclipse na Criméia, mas fora interrompida pelo começo da guerra em toda a Europa. Uma expedição americana também tentou verificar o efeito num eclipse em junho de 1918, mas dessa vez foi o clima que não ajudara. Parecia que Deus não queria colaborar permitindo desnudar os seus fenômenos. Somente com o final da guerra, as Sociedades Científicas inglesas conseguiram se unir e obter recursos para as duas expedições. Para a Ilha de Príncipe iriam Arthur Eddington e E.T.Cottingham, enquanto que a de Sobral, seria composta por Andrew Crommelin, do Observatório de Greenwich, e C. R. Davidson.

Einstein costumava fazer uma seleção das cartas que recebia. Aceitava alguns convites, recusava muitos, e a outros nem se dava ao trabalho de responder. Aquele convite da Argentina, porém, tinha uma atração especial. Havia apreciado muito a viagem que havia feito anteriormente ao Japão, e o contato com a cultura nipônica. Também a Palestina o havia impressionado bastante, com toda uma geração de pioneiros judeus tentando transformar em realidade um antigo sonho, lutando contra as adversidades de uma terra árida e seca, cheios de ideologia na mente e esperança na alma. Conhecer a América do Sul poderia ser igualmente interessante. Além disso, Einstein tinha resolvido assumir o papel a que havia sido lançado com sua fama, e descobrira em si mesmo o melhor advogado para defender suas idéias e princípios. Sua fala tinha uma enorme força e constituía uma das melhores armas contra os articuladores da “Campanha anti-Relatividade”<sup>5</sup>, que unia anti-semitas, nacionalistas extremados e críticos das novas idéias físicas. Por tudo isso, aceitar o convite era para ele uma espécie de obrigação. Deveria falar aos físicos argentinos sobre a Teoria da Relatividade e os avanços que estavam sendo feitos na Física. E teria a oportunidade de envolver os judeus argentinos na grande obra que estava sendo feita na Palestina, e que necessitava de um esforço global para se tornar realidade. Na verdade, tanto as autoridades acadêmicas como os dirigentes da Associação Hebraica de Buenos Aires o pressionavam para que aceitasse

---

<sup>5</sup> Termo criado pelo próprio Einstein para caracterizar a campanha de difamação de e ataques orquestrada contra ele.

o convite, colocando todas as facilidades possíveis e imagináveis ao seu dispor. De início, inclusive, haviam condicionado o convite a um mínimo de doze conferências. Porém, com medo de que isso viesse a ser motivo para uma recusa de Einstein, ratificaram a correspondência esclarecendo que ele poderia dar quantas conferências desejasse, e que o número de doze era apenas uma sugestão<sup>6</sup>. De fato, a única condição imposta por Einstein foi a de que o convite deveria ser formulado por uma instituição oficial, o que foi providenciado. Apesar da *Asociación Hebraica de Buenos Aires* e da *Institucion Cultural Argentino-Germana* estarem promovendo a ida de Einstein, o convite havia sido formulado apenas pela Universidade de Buenos Aires, e toda a correspondência seguia por intermédio da Representação diplomática argentina na Alemanha. Essa imposição de Einstein se devia ao medo de que seu nome fosse usado indevidamente, e sem seu consentimento, em prol de alguma causa. A *Asociación Hebraica*, apesar de não constar formalmente do convite, administrava um lobby junto a pessoas próximas a Einstein para que empreendesse a viagem.

A idéia de aceitar o convite lhe parecia atraente, mas de qualquer forma não poderia viajar naquele mesmo ano, conforme sugerido. Afinal, ele havia estado muito ausente de Berlim no ano anterior, por conta da viagem ao Extremo-Oriente e Oriente Médio, e da ida à Leiden, na Holanda, a convite de seu amigo Ehrenfest. É verdade que a Universidade de Berlim não criava dificuldades para essas contínuas ausências, mas Einstein não se sentia à vontade para solicitar às autoridades nova licença para se ausentar de Berlim. Além disso, ele queria terminar os estudos que estava desenvolvendo sobre a possibilidade de obter um novo argumento para a associação entre onda e matéria, partindo de flutuações estatísticas. E havia ainda um motivo de ordem pessoal: o casamento de sua enteada Ilse com o jovem jornalista Rudolf Kayser. O melhor seria adiar a viagem para o ano seguinte. Mais uma vez os argentinos aquiesceram, informando que o Conselho Universitário, em nova reunião, havia decidido transferir o convite, e a alocação dos recursos necessária para 1925, na esperança de que ele pudesse, então, viajar à América do Sul<sup>7</sup>. Na verdade, toda essa gentileza consistia numa insistência sua que retirava de Einstein a possibilidade de uma resposta negativa. Finalmente, em julho de 1924, Einstein aceitava o convite, e começava a se preparar para a viagem: marcar a melhor data, reservar as passagens e deixar as coisas organizadas para um período de ausência de três meses<sup>8</sup>. Ele havia optado por viajar no “Cap Polônio”, um navio

---

<sup>6</sup> Rectorado de la Universidad de Buenos Aires para Einstein, 07/01/24. AE 43.096

<sup>7</sup> Rectorado de la Universidad de Buenos Aires para Einstein, 16/05/24. AE 43.097 e 43.098

<sup>8</sup> Legacion de La República Argentina para Einstein em 26/07/24, confirmando o recebimento da carta com a resposta positiva quanto a ida à Argentina. AE 43.099

considerado seguro e veloz, e que sairia do porto de Hamburgo no dia 5 de março. Como nas viagens anteriores, ele levaria uma pequena bagagem, e seu inseparável violino. Nesse meio tempo, chegaram convites das Universidades de Córdoba, La Plata e Tucuman na Argentina, da Universidade de Montevidéo, no Uruguai<sup>9</sup>, e da Faculdade de Medicina e Escola Politécnica da Universidade do Rio de Janeiro – todos querendo aproveitar sua vinda à América do Sul. Quanto às Universidades da Argentina, Einstein deixaria para resolver durante sua estada naquele país, de acordo com a disponibilidade de tempo, mas concordou desde logo em visitar Montevidéo e o Rio de Janeiro. Os convites haviam sido agenciados pela *Asociación Hebraica*. No caso específico do Rio de Janeiro, o Presidente da instituição judaica argentina, Jacobo Saslavsky, avisou ao Rabino Isaiah Raffalovich, que por sua vez entrou em contato com o diretor em exercício da Escola Politécnica, Getúlio das Neves. Entretanto, o convite que Einstein recebia era assinado pelo próprio Raffilovich, em nome de Paulo de Frontin, Diretor da Escola Politécnica, e Aloysio de Castro, Diretor da Faculdade de Medicina<sup>10</sup>.

No dia 4 de março, Einstein viajou de trem para Hamburgo, onde pernoitaria, para embarcar no dia seguinte, no navio Cap Polônio em direção à América do Sul<sup>11</sup>. Sua esposa Elsa o acompanhou somente até a estação de trem: dessa vez, não viajaria com ele, como nas viagens anteriores aos Estados Unidos e ao Japão. Apesar de interessante, era cansativo empreender uma viagem tão longa, sem falar que o casamento andava um pouco desgastado, e um período de férias seria bom para os dois. Margot, a outra enteada de Einstein, havia planejado acompanhá-lo, aproveitando a passagem que havia sido enviada para Elsa, mas também acabou não viajando por motivo de doença. Einstein apreciava sobremaneira toda aquela calma e tranqüilidade. Era ótimo poder se distanciar da agitação e dos problemas na Europa e, em especial, na Alemanha. Mas também ficava aterrorizado com a idéia de ter que chegar ao seu destino, onde certamente o esperavam com discursos, cerimônias e encontros sociais. Em todas as viagens, a grande movimentação criada em torno dele era sempre muito cansativa e estafante. Só lhe restava, enfim, aproveitar, enquanto isso, a paz e o sossego.

O navio ia passando pelos portos das cidades européias, Bologna, Coruna, Vigo, e Einstein se entretia observando a paisagem local e os passageiros que embarcavam em cada porto. Ele não conseguia passar

---

<sup>9</sup> Rectorado de la Universidad de Buenos Aires para Einstein, 23/10/24. AE 43.163

<sup>10</sup> Rabino Isaiah Raffalovich para Einstein, 27/01/25. AE 44.010.

<sup>11</sup> Muitas das informações sobre a viagem foram tiradas do diário de viagem de Einstein - AE 29.133. Às vezes, aproveitamos no texto um comentário, parte de uma frase, sua impressão sobre algum lugar ou pessoa, ou mesmo apenas seu estado de espírito.

incólume. Sua fisionomia, àquela altura bastante conhecida, já tinha sido estampada na capa de várias revistas e na primeira página de muitos jornais. Mas, pelo menos, não o perturbaram. Em Lisboa, última parada na Europa, e onde ficariam ancorados todo o dia, Einstein aproveitou para fazer uma pequena excursão junto com Sievers e o psicólogo Jesinghaus, com quem havia travado amizade durante a viagem. Passearam pelo centro da cidade, visitaram alguns pontos históricos, castelos, conventos. Lisboa dava uma impressão maltrapilha, mas simpática. A vida parecia transcorrer lenta, sem pressa ou objetivo. De volta ao navio, a viagem prosseguiu. Passavam ao longo da África: Teneriff, Cabo Verde, e o calor ia aos poucos aumentando. Suava-se durante a noite, e ao amanhecer o clima já estava quente. Einstein se dedicava às suas leituras: folheava o livro de Koigen, ou o do filósofo francês Mayerson sobre teoria do conhecimento, e outras vezes dedicava-se a seus estudos em Física. Estava cada vez mais convencido da impossibilidade da Teoria de Campo na forma como havia sido proposta. Conversava com alguns passageiros sobre a Teoria da Relatividade, ouvia poesias, declamadas pela escritora Elsa Jerusalém, ou se distraía em longos almoços com o Capitão, quando aproveitavam para trocar anedotas. Participou também de um quarteto, tocando Mozart e Beethoven para os passageiros. No dia 14 recebeu emocionado um cartão de felicitações pelo seu 46<sup>o</sup> aniversário. A viagem transcorria tranqüila, mas às vezes ele se sentia sozinho. Pena que Margot não tivesse podido viajar com ele: certamente ela estaria apreciando muito a viagem. Aos poucos, seu valioso sossego ia desaparecendo. Muitas vezes ele era o centro das atenções, e até os oficiais já tinham lhe pedido para dar uma conferência. De qualquer forma, era melhor ir se reacostumando, pois mais em breve estariam chegando aos portos da América do Sul - e seria o fim daquela tão benquista tranqüilidade.

Na manhã do dia 21, o navio chegava ao porto do Rio de Janeiro. Era uma visão maravilhosa, apesar do céu encoberto e da chuva fina. Na entrada da Baía se erguiam fantásticos penhascos. “Impressão majestosa”. O navio ficava ancorado apenas algumas horas e depois seguiria viagem a caminho da Argentina, mas uma comitiva formada por membros da comunidade judaica, médicos e engenheiros já estava esperando por Einstein. A eles, havia se juntado um grande número de repórteres, afoitos para lhe arrancar algum furo de reportagem. Perguntaram-lhe sobre a geometria de Minkowsky, a velocidade da luz ou o eclipse de Sobral. Em suas respostas, Einstein tentou mostrar que o surgimento de novas teorias na Física era um processo normal do desenvolvimento da ciência - e que nenhuma delas tinha, portanto, uma conseqüência tão bombástica quanto queriam fazer parecer. Na Teoria da Relatividade tudo é simplicidade e clareza e a velocidade da luz é uma simples medida, um padrão necessário a todos os cálculos, tão

absoluto como qualquer outro padrão. Até então, Einstein nem havia associado a cidade do Rio de Janeiro com o nome de Sobral. Mas não se retraiu diante da pergunta do repórter: depois de pensar um pouco, comentou sobre as duas expedições enviadas para Ilha de Príncipe e Sobral, das dúvidas quanto à veracidade dos resultados por só terem sido fotografadas sete estrelas, e de uma nova expedição realizada em 1922 pelo Observatório de Lick, sob a direção de Campbell, que fotografou 11 estrelas, confirmando o desvio previsto.

Einstein foi convidado pela comissão a fazer um passeio pela cidade durante o tempo em que o navio permanecesse no porto. Saíram numa comitiva de sete carros fazendo um passeio pela cidade, até chegarem ao Jardim Botânico. Einstein estava deslumbrado com tudo o que via. Do Diretor do Jardim Botânico, Pacheco Leão, ouviu as estórias sobre o jequitibá, uma das maiores árvores da flora brasileira, e suas aplicações tanto para construção como para uso medicinal<sup>12</sup>. O Jardim Botânico e a flora, de modo geral - superava os sonhos das 1001 noites. Tudo parecia viver e crescer a olhos vistos. Depois seguiram para o Hotel Copacabana Palace, na Praia de Copacabana, onde os aguardava um farto almoço. Conversam sobre a Europa após a 1ª Grande Guerra, sua impressão sobre as vendedoras de peixe, que tinha visto durante sua parada em Portugal, e sobre a programação para sua volta no início de maio. O Diretor da Escola de Medicina, Aloysio de Castro, lembrou mais uma vez a importância do eclipse solar de 1919, e o orgulho que isso causava para os brasileiros. Einstein pegou então um pedaço de papel e, num gesto de gentileza, escreveu em alemão: *“A questão que minha mente formulou foi respondida pelo radiante céu do Brasil”*.

No caminho de volta ao porto, a comitiva passou pelo centro da cidade e Einstein aproveitou para fazer um pequeno passeio a pé. Observava com interesse as pessoas na rua, tentando encontrar elementos da mistura entre o português, o índio e o negro. Tudo lhe despertava o interesse. *“Uma indiscutível abundância de impressões em poucas horas”*. Após essa rápida visita, ele retomou ao Cap Polônio e seguiu sua viagem em direção à Argentina.

O navio deveria chegar em Buenos Aires ao meio-dia do dia 24, mas ficou preso, chegando às 2:30 da manhã, e o desembarque só aconteceu na manhã seguinte. Apesar do apoio que recebeu do pessoal do navio e em especial da S<sup>ra</sup>. Jerusalém, Einstein estava irritado e cansado, ansiando pela hora de descansar. Do porto, seguiu direto para a casa da família Wasserman, no Palácio de Belgrano, onde ficaria

---

<sup>12</sup> vide Veiga Soares, Cecília Beatriz da, *As mais belas árvores da mui formosa Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

hospedado. Buenos Aires lhe causava uma impressão muito ruim, parecia uma Nova York do sul, em tamanho reduzido. “*Ah, se pudesse cortaria todas as grandes cidades em menores*”. Einstein enfrentou um programa intenso em Buenos Aires: conferências, encontro com Presidente e Ministros, entrevista a jornalistas, passeio de avião sobre a cidade, visita a museus e instituições científicas, recepções, jantares - um sem-número de compromissos. Por isso, saboreou os poucos momentos de tranqüilidade em que pode ficar sozinho em seu quarto, ou os finais de semana na casa de campo dos Wasserman em *La Vajole*. Além da programação, proferiu palestras em La Plata e Córdoba. Foi um mês intenso, de compromissos sociais quase diários. Ele se sentia terrivelmente cansado de tanta gente à sua volta durante todo o tempo. Desejava retornar à sua casa o quanto antes. A idéia de ter que perambular ainda mais lhe parecia um peso - mas o fato é que o estavam esperando em Montevidéo.

E, assim, no dia 23 de abril Einstein embarcou para a capital uruguaia conforme programado. Mas, para sua surpresa, teve de Montevidéo uma impressão muito boa. A cidade era arquitetonicamente bonita, com seu estilo colonial, e o país tinha uma estrutura de assistência social exemplar de amparo à mãe e à criança, jornada de trabalho de 8 horas e um Estado totalmente separado da Igreja. O clima era quente e úmido, mas de forma amena, e a natureza era amável. “*Uruguai, terrinha feliz*”. As pessoas pareciam ter um amor a própria terra, sem qualquer megalomania. A situação do país lhe lembrava em especial a Suíça, que ele tanto apreciava. As pessoas também se assemelhavam de alguma forma aos suíços, modestos e autênticos. Einstein não lembrava de ter recebido em nenhum lugar uma recepção cordial como aquela. A impressão geral era de uma grande sinceridade e amabilidade, mas tomando-se sempre o cuidado de não parecer sufocante. Mas se a cidade, ao contrário de Buenos Aires, deixava-o mais à vontade, a movimentação era a mesma. Ou, talvez, ainda maior. Tinha que cumprir, ali em sete dias, a mesma intensa programação que havia executado em quatro semanas. Einstein visitou Presidente e Ministros, deu conferências e entrevistas à imprensa, participou de jantares e recepções. Tudo num ritmo muito frenético. No dia 10 de maio, embarcou no navio francês Valdivia, com destino ao Rio de Janeiro. Einstein sentia seus nervos no limite, e dava tudo para não ter novamente que “*subir no trapézio*”, mas era preciso agüentar. Afinal, estavam-no esperando por lá. O melhor seria desfrutar daqueles três dias de viagem como uma forma de descanso. Aproveitou para fazer um balanço de sua vida, e de como ela tinha mudado em tão pouco tempo, a ponto de quase não conseguir mais imaginar o que significava uma vida calma e regrada. A partir daquela inesquecível sessão na *Royal Society de Londres*, sua vida tinha dado uma grande reviravolta, e lá estava ele vagando por aquele hemisfério como um mensageiro da Relatividade.

O Valdivia chegou ao Rio de Janeiro ao por-do-sol do dia 4 de maio, uma 2ª feira, mas, como só estava sendo esperado para o dia seguinte, a comissão de recepção precisou improvisar. Einstein desceu do navio com seu terno de brim branco e o violino embaixo do braço, cansado de sua passagem pela Argentina, castigado pelo calor e a umidade. Pareceu-lhe que a atmosfera quente e úmida deixava as pessoas meio amolecidas e sem agilidade - o que talvez constituísse a contrapartida daquela impressionante beleza natural.

Dessa vez, Einstein evitou os repórteres. Levado pela comissão diretamente para o Hotel Glória, pode descansar um pouco da viagem e acertar a sua programação na cidade. Aproveitou para mandar postais da Cidade Maravilhosa para Lord Haldane<sup>13</sup>, que o havia hospedado durante sua estada em Londres, e com quem travara uma forte amizade. E, também, para seu grande amigo Ehrenfest, em Leiden, na Holanda, a quem comentou que o Rio era "*um verdadeiro paraíso, e uma alegre mistura de povos*"<sup>14</sup>.

Ficou acertado que Einstein faria duas conferências sobre a Teoria da Relatividade, no Clube de Engenharia e na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, e visitaria algumas instituições científicas. Reservaria também uma noite para a recepção da comunidade judaica local, proposta pelo Rabino Raffalovich. O programa devia incluir ainda um encontro com o Presidente da República, Arthur Bernardes, e bastante tempo livre para descansar e passear pela cidade. O dia seguinte, inclusive, deveria ser dedicado ao descanso.

Isidoro Kohn, que seria seu cicerone durante sua estada no Rio de Janeiro, foi encontrá-lo pela manhã no hotel. Judeu austríaco, dono de uma loja de tecidos na Rua 7 de Setembro, e há vários anos no Brasil, Kohn sugeriu a Einstein que fossem ao centro da cidade comprar um fraque, na sua opinião, o traje mais adequado para o encontro no dia seguinte com o Presidente da República. Einstein achava tudo aquilo uma formalidade desnecessária, mas como não conhecia os costumes locais resolveu não arriscar uma descortesia para com os seus anfitriões. Foram à alfaiataria Tombo do Rio, na Rua da Carioca, onde Einstein experimentou o primeiro terno - e achou que estava perfeito. Preferiu encerrar logo a estória mas Kohn achou a roupa muito folgada e curta - numa palavra, horrível. Finalmente, após Einstein experimentar vários temos, escolheram o que lhe caia melhor<sup>15</sup>. Depois do passeio pelo centro, retomaram para um almoço no hotel, onde o aguardavam Irma, esposa de Kohn, e sua acompanhante Poldi Wettl. Eram senhoras alegres, e o

---

<sup>13</sup> Einstein para Lord Haldana, 05/05/25. AE 32.652

<sup>14</sup> Einstein para Ehrenfest. AE 10. 105.

<sup>15</sup> Esse fato foi narrado por Kohn. Ver A Noite, 12/05/1955.

almoço transcorreu de forma muito agradável. Posteriormente, se deram conta que haviam esquecido de comprar a gravata para o fraque. Foram então, à casa de Kohn, onde Einstein escolheu uma de suas gravatas<sup>16</sup>. À tarde, Einstein recebeu várias visitas: um grupo de comerciantes alemães, convidando-o para um jantar patrocinado pela comunidade alemã, e o Diretor da Faculdade de Filosofia, Washington Garcia, que vinha lhe oferecer um Diploma de Honra concedido por aquela Faculdade<sup>17</sup>. No final da tarde, foi com um grupo de cientistas ao Pão de Açúcar, num passeio que o deixou maravilhado. Era *“uma viagem vertiginosa sobre a floresta selvagem preso por um cabo de aço. Em cima, um magnífico jogo de atemância de neblina e sol”*. Ao descer foi ainda servido um chá e doces no Restaurante Hangar. À noite, recebeu as boas-vindas da comunidade judaica e fez um passeio de carro com o Rabino Raffalovich, que lhe havia causado uma ótima impressão.

O dia seguinte seria bem mais movimentado. Pela manhã, o médico Silva Mello foi buscá-lo no hotel para um passeio a pé pelas ruas de Santa Tereza. Silva Mello havia sido preparador em Berlim dos cursos de Rudolf Ehrmann, que por sua vez era o médico pessoal de Einstein. Foi Assis Chateaubriand, dono de *O Jornal*, e amigo de Silva Mello, quem se encarregou de marcar um encontro entre os dois. Silva Mello contou algumas das intrigas da Universidade, e muitas vezes a conversa fluía mais que a própria observação. Einstein achou-o um homem distinto e inteligente, e tanto o passeio como a conversa lhe agradaram muito. Depois seguiram para um almoço no Restaurante Minho, no porto, que lhe lembrava uma taberna. À tarde, Einstein teria que se dedicar aos seus compromissos sociais. No hotel, vestiu o fraque comprado na véspera, e ficou à espera da comitiva chefiada por Getúlio das Neves, e integrada por Alfredo Lisboa, Daniel Henninger, Mário Souza, e Isidoro Kohn, suas companhias na visita ao Chefe de Estado. Conversou com Arthur Bernardes, posou para algumas fotos, e depois seguiu até os gabinetes do Ministro da Justiça, Affonso Penna Júnior, da Agricultura, Miguel Calmon, e do Prefeito do Rio de Janeiro, Alaor Prata. Einstein não gostava nada dessas formalidades - mas sabia que eram necessárias. Afinal, ele tinha consciência de seu *status* político, como uma espécie de Chefe de Estado, e sabia se resignar com essas obrigações. Havia sido recebido em outras ocasiões pelo Presidente dos Estados Unidos, pelo Imperador do Japão, ou o Primeiro Ministro da Inglaterra - nada mais natural que ser recebido pelo Presidente do Brasil em sua visita a esse país.

---

<sup>16</sup> Em troca, Einstein deu sua gravata para Kohn, que está guardada ainda hoje pelos descendentes de Kohn.

<sup>17</sup> Faculdade de Philosophia para Einstein, 05/05/25. AE 30.201.

Rumaram em seguida para o Clube de Engenharia, onde Einstein faria a primeira parte de sua conferência sobre a Teoria da Relatividade. Encontrou um salão superlotado por embaixadores, generais do exército, representantes dos Ministros e engenheiros, muitos deles acompanhados de suas esposas e filhos. Pareciam prontos para assistir a uma exibição de algum grande barítono. Após uma introdução do presidente em exercício do Clube de Engenharia, Getúlio das Neves, começou a proferir em francês a conferência que conhecia tão bem, e havia repetido por inúmeras vezes para os públicos mais distintos. Falou sobre a relação entre o tempo e a velocidade da luz. Explicou o fato da velocidade ser uma constante em todos os referenciais, enquanto que o tempo é influenciado pela velocidade do observador, o que havia tornado a Teoria da Relatividade tão popular em todo o mundo. O público se comprimia, deixando pouco espaço para o próprio Einstein se locomover, apertando-o de encontro ao quadro-negro, onde fazia desenhos para explicar a mudança de referencial. Devido ao calor, e ao grande número de pessoas, as janelas foram abertas, o barulho da rua prejudicou ainda mais a acústica já precária da sala. Mas o pior para Einstein era perceber com nitidez que estava diante de um público muito diversificado, com uma grande quantidade de pessoas leigas, sem um conhecimento prévio em Mecânica que permitisse entender sua explanação. Mas ele proferiu sua palestra conforme o previsto, apesar do pequeno sentido científico de tudo aquilo. Ele mesmo se sentia ali como uma espécie de elefante branco. À noite, sozinho e nu em seu quarto no Hotel Glória, descansou do estafante dia, apreciando a vista da baía com inúmeros trechos verdes de ilhas nuas ao luar. Examinou com atenção as medalhas em bronze que havia recebido, produzidas três anos antes por ocasião das comemorações do Centenário da Independência<sup>18</sup>.

A quinta-feira começou com uma visita ao Museu Nacional. Einstein foi recebido pelo antropólogo Roquete Pinto, substituto do diretor Arthur Neiva, que se encontrava na época em São Paulo auxiliando na debelação da praga cafeeira. Roquete Pinto falou-lhe sobre a Rádio Sociedade, a primeira emissora do Brasil, criada dois anos antes por ele e Henrique Morize. Einstein se interessou especialmente pelos esqueletos de animais, como a estrutura da espinha dorsal de uma serpente, e pelos aspectos antropológicos, como a cultura dos índios. Tomou conhecimento das teorias eugênicas que imperavam em grande parte do meio científico local, prevendo o futuro “*branqueamento*” do Brasil. Segundo essas teorias, o negro iria desaparecer em função da mistura racial para dar lugar ao mulato - e este, por sua vez, estaria fadado a desaparecer por sua pequena resistência. Após a visita, seguiram para um almoço na

---

<sup>18</sup> Essas medalhas encontram-se no espólio de Einstein, depositadas na Universidade Hebraica de Jerusalém.

casa de Aloysio de Castro, médico, escritor e membro, juntamente com Einstein, da Comissão de Cooperação Internacional da Liga das Nações. Estavam presentes a escritora Rosalina Coelho Lisboa, Assis Chateaubriand, Silva Mello, o antropólogo russo Schild, Henrique Morize, Presidente da Academia Brasileira de Ciências, o médico Miguel Couto, Getúlio das Neves, Daniel Henninger, da Escola Politécnica e Noca Cerqueira. A conversa girou em torno dos problemas da ciência brasileira, da ausência de pesquisa pura e das dificuldades na Liga das Nações para estabelecer os critérios de concessão de donativos para professores e alunos necessitados. Mas por vezes o interesse recaía sobre deliciosas amenidades, como as preferências culinárias ou o costume das moças brasileiras de se pintarem de forma tão extravagante. E Einstein adorava uma boa conversa, e o almoço se desenrolou de forma agradável.

Seguiram então para a Academia Brasileira de Ciências, onde Einstein foi recebido pelos membros da Academia e, conforme tinha sido combinado com Roquete Pinto, foi convidado para proferir algumas palavras nos microfones da Rádio Sociedade. Na verdade, ele não tinha muito a dizer, e preferiu ressaltar a importância da radiotelegrafia, e o seu papel para transmitir os melhores frutos da civilização àqueles que vivem isolados - desde que divulgadas por pessoas capacitadas, é claro. Ainda na Academia, Einstein ouviu o discurso do Vice-Presidente, Juliano Moreira, sobre a influência da Teoria da Relatividade nas demais ciências, em especial a Biologia. Francisco Lafayette falou a seguir sobre as teorias de Einstein, e conferiu-lhe o título de Membro Correspondente da Academia Brasileira de Ciências, assinado por todos os membros. Depois foi a vez de Mário Ramos, que elogiou a obra do visitante e instituiu o *Prêmio Albert Einstein*, uma medalha de ouro e um diploma para o melhor trabalho das seções de Matemática, Físico-Química e Biologia. Enquanto ouvia os discursos, Einstein pensava sobre as longas digressões daqueles veementes oradores. Quando elogiavam alguém, era como se estivessem elogiando a própria eloquência. Certamente, deveriam vir do clima esse apreço pela retórica, e pela irrelevância, esse gosto pelo supérfluo, mas achava que as pessoas em geral não pensavam da mesma forma. De repente, seus pensamentos foram interrompidos pela salva de palmas: estava na hora de proferir algumas palavras. Einstein agradeceu os elogios e falou sobre as discussões acerca da teoria, da luz, explicando que a teoria do *quantum* luminoso havia, pelo seu poder de explicação, assumido uma posição segura ao lado da teoria ondulatória da luz. Entretanto, ainda não se tinha conseguido uma síntese lógica entre as duas teorias. Explicou, então, as experiências mais recentes que estavam sendo realizadas para tentar explicar a natureza da luz.

A sexta-feira começou com uma visita ao Instituto Oswaldo Cruz, onde o diretor Carlos Chagas o acompanhou numa demorada visita pelo Museu de Anatomia Patológica, a sala de leitura, a biblioteca e os

diversos laboratórios. Ouviu uma longa exposição sobre os insetos transmissores de doença, e observou o *Tripanossoma* ao microscópio. À tarde, proferiu a segunda conferência sobre a Teoria da Relatividade, na Escola de Engenharia. Dessa vez, haviam tomado medidas para evitar a invasão do salão: o público foi selecionado, ficando restrito aos que haviam estado na primeira conferência, da qual esta seria uma continuação, e limitando o número de participantes ao que comportava o salão de honra da Escola. Einstein pode, então, desenvolver sua *exposição* em ambiente de mais silêncio e atenção, apesar de igualmente prejudicado pelo forte calor da sala.

À noite, aguardava-o a recepção oferecida pela colônia alemã, no Clube Germania Einstein teve um pouco de receio quando os representantes da colônia alemã vieram convidá-lo para aquele jantar. Afinal, o que ele menos queria era ter que se defrontar no Brasil com manifestações nacionalistas germânicas, ou mesmo contrárias a ele<sup>19</sup>. Mas os anfitriões garantiam que ele encontraria um clima agradável e receptivo - e estavam corretos. Participaram do agradável jantar negociantes, industriais, banqueiros, vestidos como se tivessem saído diretamente de seus escritórios. No único discurso da noite, o Sr. Stahmer, diretor de um banco alemão, chamou Einstein de "*embaixador da vida espiritual alemã*". Einstein não tinha nenhuma intenção de discursar, mas pressionado pelos presentes acabou comentando que, assim como na Europa, também nas Américas havia germes de desconfiança entre os povos, embora as *fricções fossem mais leves, em função de uma maior tolerância*. O embaixador Knipping, da Alemanha, aproveitou o ambiente descontraído para anunciar a Einstein que gostaria de lhe oferecer uma recepção. Einstein pensou, então, em como eram estranhos os alemães, para quem ele seria uma flor fedorenta, que eles voltavam sempre a enfiar na lapela. A questão diplomática também não era simples, pois Einstein, apesar de nascido alemão, tinha optado pela nacionalidade suíça, quando se transferiu para aquele país no início da vida fazendo,

---

<sup>19</sup> Na Argentina houve muitos alemães descontentes com a presença de Einstein, chegando a haver muitas divergências dentro da própria Institucion Cultural Argentino-Germana, uma das promotoras da sua visita. Seu artigo sobre paneuropismo publicado no Jornal *La Prensa* ampliou ainda mais o número de alemães contrários a sua presença, a ponto do embaixador alemão ter convidado apenas argentinos para a recepção que ofereceu a Einstein. Ver correspondência entre o Embaixador alemão na Argentina, Pauli, e o Chanceler alemão. Politisches Archiv des Auswartigen Amtes, Alemanha, R 64677.

<sup>20</sup> Uma das ocasiões mais confusas e delicadas foi na concessão do Prêmio Nobel. Segundo o protocolo, o ganhador do Prêmio Nobel deveria ser acompanhado pelo embaixador de seu país na cerimônia e no banquete de recepção oferecido pelo Rei da Suécia. Os dois embaixadores na Suécia, da Alemanha e da Suíça, disputavam-se para ver quem acompanharia Einstein. A sorte foi Einstein não ter podido participar da cerimônia, pois se encontrava na época em viagem ao Japão. O prêmio foi recebido pelo Embaixador alemão em nome de Einstein, mas entregue a ele na Alemanha pelo embaixador suíço, a seu próprio pedido.

inclusive, suas viagens com passaporte suíço<sup>20</sup>. Ali, no Rio de Janeiro porém, não parecia haver problema diplomático algum. Einstein aceitou o convite, que poderia ser marcado para a sua última noite no Rio. Impôs apenas uma condição: que não houvesse discursos!

Na manhã de sábado foi ao Observatório Nacional as cúpulas de observação, a sala da hora, e se interessou em especial pelo equipamento sismográfico. Teve ainda a oportunidade de encontrar alguns astrônomos que haviam participado do eclipse em Sobral, entre eles Allyrio de Mattos, Lélío Gama, Domingos Costa e o próprio Henrique Morize. Depois, seguiu para um almoço tranquilo na casa de Silva Mello, sem repórteres ou formalidades, e com um cardápio de pratos brasileiros. A digestão contou com um passeio a pé, até a casa dos irmãos Álvaro e Miguel Osório, onde haviam montado um laboratório doméstico para desenvolverem trabalhos em Fisiologia. O melhor desses passeios com Silva Mello foi, sem dúvida, a ausência dos jornalistas e membros da comissão. Igualmente agradável foi o jantar na casa de Isidoro Kohn, apenas em companhia de sua família. Mas a noite não havia acabado: havia ainda a recepção oferecida pela comunidade judaica no *Jockey Club*. No enorme salão, completamente repleto, estavam reunidas para vê-lo e ouvi-lo cerca de três mil pessoas, praticamente a totalidade da comunidade judaica do Rio de Janeiro na época.

Einstein sabia que havia se tomado uma espécie de símbolo moderno do povo judeu - afinal, apesar de ser tido universalmente como um gênio, ele não abdicava de sua origem judaica. Ao contrário, queria mostrar que era possível ser um cidadão do mundo, reconhecido por todos, e ao mesmo tempo se assumir como judeu. Além disso, ele havia abraçado a causa do Sionismo<sup>21</sup>. Só não poderia supor que sua adesão à causa sionista o levaria a se tomar um dos grandes ativistas e defensores do movimento. Com a súbita fama atingida no final do ano de 1919, passou a ser alvo concreto do anti-semitismo e do ultranacionalismo existente na Alemanha. Antes de se tornar um símbolo para os judeus, ele tinha se tornado um símbolo judeu para os anti-semitas. Decidiu, então, que, se faziam tanta questão em rotulá-lo de judeu, ao menos seria um bom judeu. Desde então, onde quer que chegasse, havia uma recepção entusiástica dos judeus - pois para eles Einstein era um símbolo de união. Isso lhe causava uma grande alegria, e ele esperava que a expectativa positiva trouxesse algo de bom. Inicialmente, o Rabino Raffalovich falou em alemão sobre o valor do estudo para o judaísmo, e o papel simbólico que Einstein ocupava como grande gênio. Em seguida, Eduardo

---

<sup>21</sup> O movimento político de retorno a Sion já existia desde o final do século passado, mas havia ganhado um grande impulso em 1917 (8 anos antes) com a declaração do Ministro do Exterior Britânico favorável ao estabelecimento de um lar nacional para o povo judeu na Palestina, conhecida como *Declaração Balfour*..

Horowitz falou em idisch, em nome da Federação Sionista e da colônia ashkenazi. Por fim, David Perez falou em francês, em nome da colônia sefaradi. Chegou, então, a vez de Einstein dizer algumas palavras. Falou sobre a necessidade de todos os judeus se unirem em prol daqueles que estavam passando necessidades em várias partes do mundo, e da grande obra que estava sendo realizada na Palestina, de construção de um lar nacional para o povo judeu. Essa é uma tarefa tão grande, que é preciso que todos participem e se esforcem, ressaltou Einstein.

Apesar de encarar como uma verdadeira obrigação a luta pelo seus ideais, participar desses eventos era extremamente cansativo. Longos discursos e uma *elogiação* descomedida, ainda que sincera. “*Graças a Deus, acabou*”. Na verdade, ele queria retomar logo à Alemanha para descansar de tanta movimentação e de toda aquela gente que lhe era desconhecida. Felizmente, os dois próximos dias estavam destinados, conforme a programação, a passeios, algumas visitas e descanso.

Para o domingo, estava prevista uma viagem a Itatiaia, mas devido à distância, decidiu-se por um passeio mais curto, pelas matas da cidade. Einstein seguiu num automóvel junto com Isidoro e Irma Kohn, Poldi, e o Rabino Raffavolich. Atrás deles um outro veículo conduzia Getúlio das Neves, Roberto Marinho, Pacheco Leão, Mário Souza e Azevedo do Amaral. Foram costeando a orla até chegarem à Avenida Niemeyer subiram São Conrado e de lá seguiram para o Alto da Boa Vista, Excelsior e Vista Chinesa. Desceram pelas Laranjeiras, pegaram o pequeno trem para o Corcovado, onde chegaram ao entardecer. Deslumbrado com a paisagem e a flora local, Einstein achou a excursão maravilhosa, tendo ficado especialmente impressionado com a visão do por-do-sol no Corcovado.

Durante o passeio, Einstein combinou com Raffalovich que nas visitas à noite à Central Sionista e a Biblioteca Scholem Aleichem seriam suprimidos os longos discursos e as grandes formalidades. Assim, foi feito. Raffalovich fez uma apresentação informal de Einstein, o que contribuiu para dar mais intimidade ao encontro. Também pronunciaram algumas palavras Jacob Schneider, Presidente da Federação Sionista, e Manuel Koslowsky, Presidente do Centro Sionista. Einstein agradeceu a recepção e expressou sua alegria pela intensa atividade sionista na comunidade judaica do Rio de Janeiro. No final, todos assinaram um livro de honra. De lá, Einstein seguiu para a Biblioteca Scholem Aleichem, onde ouviu o presidente da instituição, Feingold, discorrer sobre escritores judeus dos quais a Biblioteca possuía livros. Recebeu de presente um livro do escritor Scholem Aleichem com capa de couro e inscrição em letras de ouro. Em retribuição, ofereceu um retrato autografado para ser pendurado numa das paredes da Biblioteca.

Na segunda-feira, ele cumpriu, finalmente, o último dia de sua estada. Começou com uma visita ao Hospital dos Alienados, ciceroneado pelo Diretor Juliano Moreira e pelo diretor da Faculdade de Medicina, Aloysio de Castro. Durante a visita pela biblioteca, salão de honra, fisioterapia e demais dependências, viu alguns casos exemplares e conversou com alguns internos. De lá, seguiram para um almoço na residência de Juliano Moreira, que era casado com uma alemã. Einstein considerava Juliano Moreira uma pessoa especialmente virtuosa, vendo com satisfação o fato dele ser mulato. Houve, ainda, uma visita aos gabinetes de alguns ministros, mas, para satisfação de Einstein, a maioria estava ausente, poupando-o dos intermináveis cumprimentos. Assistiram a um filme sobre a vida dos índios e o trabalho do General Rondon. E, ao final da tarde, visitaram a sede de *O Jornal*, onde recebeu de presente uma caixa de madeira com pedras preciosas do Brasil, em bruto e lapidadas. (Essa caixa não se encontra hoje no espólio de Einstein: possivelmente foi roubada durante o confisco de sua casa na Alemanha pelos nazistas, em 1933). À noite, Einstein participou ainda de um jantar no hotel, oferecido pelo embaixador alemão. Depois daquele dia repleto de atividades, que encerrava várias semanas de peregrinação por salões de conferência, cumprimentos e recepções pela América do Sul, ele concluiu em seu diário: *“finalmente livre, mais morto do que vivo”*.

No dia seguinte, Einstein embarcou no navio Cap Norte, em direção à Alemanha, deixando a todos que o receberam um pequeno e simpático agradecimento escrito. Finalmente, teria duas semanas de descanso até retomar ao movimento de Berlim. Porém, estava cada vez mais desanimado com a situação na Alemanha, e em especial, a recente posse de Hindenburg. Pensava que a Alemanha era a nação que havia expulso a inteligência com uma bengala. Durante a viagem de volta, Einstein aproveitou para descansar, refletir sobre as questões da Física, tocar seu violino, e fazer um balanço da viagem. Em primeiro lugar, decidiu não empreender mais viagens desse tipo, longas e sem justificativa científica. Lembrou-se, então, do que havia visto e ouvido sobre o General Rondon, e resolveu escrever do próprio navio uma carta ao Comitê Nobel, recomendando-o para o Prêmio Nobel da Paz, ressaltando que sua obra consistia na integração de tribos indígenas aos homens civilizados sem utilização de armas nem coerção de qualquer natureza <sup>22</sup>.

Einstein chegou à Alemanha com os nervos estressados, e disposto a adiar a viagem para Pasadena, nos Estados Unidos, programada para o inverno de 1927. Deu continuidade a sua atividade científica, a luta

---

<sup>22</sup> Einstein para Vorsitzenden des norwegischen Nobel-Komitees, 22/05/25. AE 71.113.

pelo pacifismo e contra o rearmamento da Alemanha, e em prol da Universidade Hebraica de Jerusalém. No final de 1925 chegou um Diploma de Honra concedido pelo Clube de Engenharia, e encaminhado por Isidoro Kohn<sup>23</sup>. A relação posterior de Einstein com o Brasil se restringiu ao contato com físicos brasileiros da nova geração, ou com as autoridades brasileiras. Intercedeu durante a 2ª Guerra Mundial por refugiados judeus do nazismo<sup>24</sup> e, posteriormente, por cientistas fugidos do *macarthismo*<sup>25</sup>. Em 1952, Silva Mello aproveitou sua estada nos Estados Unidos, e foi em companhia de Ehrmann visitar Einstein em sua residência em Princeton. À semelhança de Einstein, Ehrmann, também havia se exilado nos Estados Unidos, com a ascensão do nazismo, e continuara a ser seu médico particular. Einstein e Silva Mello, entre um gole de chá e alguns biscoitos, rememoraram a visita ao Rio de Janeiro, e os passeios a pé pela cidade.

#### JORNAIS CONSULTADOS

O Jornal

O Imparcial

O Malho

Revista Fon Fon

O Careta

A Noite

Jornal do Brasil

Correio Paulistano

Aonde Vamos?

O Paiz (Biblioteca Nacional do Brasil)

Das Idische Vochemblat (Biblioteca Nacional de Israel)

---

<sup>23</sup> Isidoro Kohn para Einstein, 30/11/25. AE 30.205.

<sup>24</sup> Ver Lesser, Jeffrey. *O Brasil e a Questão Judaica: imigração, diplomacia e preconceito.* Rio de Janeiro: Imago.

<sup>25</sup> Um dos casos mais divulgados é o da ida do físico David Bohn a São Paulo. Ver Bohn, *Einstein e a Ciência no Brasil*, Ciência Hoje, Vol. 15, nº 90, maio de 1993, p. 44-7.

## AGRADECIMENTOS

Várias pessoas têm contribuído nesta pesquisa sobre a visita de Einstein ao Brasil, com indicações de material, sugestões e críticas. Entre elas, gostaria de registrar os nomes de Nachman Falbel, Giuseppe Castagnetti, Naumin Aizen, Jeffrey Lesser, Samuel Malamud, Haim Avni, Jurgen Renn, Isidoro Alves, Ana Maria Ribeiro de Andrade, Hanna Schneider, Pedro Kirslansky, Ada Hetz, Beatriz Bach, Léa Gleizer, Lenita Adler. Agradeço ainda a Ze'ev Rozenkranz, e toda a equipe do Arquivo Albert Einstein, da Hebrew University of Jerusalem, por ter-me facilitado o acesso ao material. Sou grato em especial a Antonio Fernandes Borges pela gentil revisão do texto e em especial ao jornalista e escritor Antônio Fernando Borges pela revisão do texto, que enriqueceu muito o artigo.

Este artigo é resultado das pesquisas realizadas durante meu pós-doutorado no Edelstein Center for the History and Philosophy of Science, Technology and Medicine da Universidade Hebraica de Jerusalém.

Nesse sentido, agradeço ao Museu de Astronomia e Ciências Afins por minha liberação, e ao CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico a bolsa de estudos, possibilitando a realização desse trabalho.

## BIBLIOGRAFIA

- Albert Einstein. *Revista do Clube de Engenharia*. 1925.
- Caffareli, Roberto Vergara. *Os oito dias de Einstein no Rio de Janeiro. O Estado de São Paulo*. Nº 81, Ano II, Suplemento Cultural, p.3, 14/05/78.
- Caffarelli, Roberto Vergara. *Einstein e o Brasil*. *Ciência e Cultura*, vol.31, nº 12, dez 1979.
- Clark, Ronald W. *Einstein: the life and times*. London: Hodder & Stoughton, 1973.
- Einstein, Albert. *Observação sobre a situação actual da Theoria da Luz*. *Revista da Academia Brasileira de Ciências*, nº 1, abril de 1926, pp. 1-3.
- Falbel, Nachman. *A visita de Albert Einstein à comunidade judaica do Rio de Janeiro*. In. Falbel, Nachman. *Estudos sobre a comunidade judaica no Brasil*, São Paulo, 1984.
- Folsing, Albricht. *Albert Einstein: Eine Biographie*. Frankfurt: Suhrkamp, Verlag, 1993.
- Frank, Philipp. *Einstein: his life and times*. New York: Da Capo Press, 1989.
- Holton, Gerald, Elhanan, Yehuda (ed.). *Albert Einstein: historical and cultural perspectives*, New Jersey, Princeton University Press, 1982.
- Kirsten, Christa; Treder, Hans-Jurgen, et al. *Albert Einstein in Berlin 1913-1933*. Vol. I Darstellung und Dokumente. Vol. II Spezialinventar. Berlin: Akademie-Verlag, 1979.

- Malamud, Samuel. *Recordando a Praça Onze*. Rio de Janeiro: Kosmos, 1988.
- Michelmores, Peter. *Einstein - perfil de un hombre*. Barcelona: Editorial Labor, 1965.
- Pais, Abraham. "*Sutil é o Senhor...*": a ciência e a vida de Albert Einstein. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- Pereira, Francisco Lafayette Rodrigues. *Recepção de Einstein*. Revista da Academia Brasileira de Ciências. nº 1, abril de 1926, pp. 77-9.
- Raffalovich, Isaiah. Tziunim ve Tmurim, (Autobiografia) Tel Aviv. (em hebraico)
- Reiser, Anton. *Albert Einstein: a biographical portrait*. New York: Albert & Charles Borei, 1930.
- Ricieri, Agualdo Prandini. *A vinda de Einstein ao Brasil*. São Paulo: Prandiano, 1988.
- Schenker, Aron, *Fun Albert Einstein besuch ein Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ikuf, 1959. (em idisch)
- Sujimoto, Kenji. *Albert Einstein: A photographic biography*. New York: Schoken Books, 1989.

## Resumo

A visita de Albert Einstein ao Brasil, em maio de 1925, causou um grande impacto na comunidade científica do Rio de Janeiro. O famoso cientista visitou o Brasil na volta de sua viagem à Argentina e Uruguai, onde esteve proferindo palestras na Universidade de Buenos Aires. Sua visita ao Brasil foi marcada por debates sobre a ciência pura e aplicada, a necessidade de incrementar a pesquisa científica, e a metodologia científica por si só. A disputa entre os cientistas e as instituições de pesquisa também estiverem na pauta de discussão, mostrando a realidade da ciência no Brasil daquela época

## Abstract

This paper presents the scientific context Einstein found during his visit to Brazil in May 1925, and the impact it caused in the scientific community in Rio de Janeiro. He visited Brazil when he went back from his trip to Argentina and Uruguay to take a course of lectures in the Buenos Aires University. His visit turned explicit many debates were taking place in Brazil about the pure and applied sciences, the necessity of new places for the development of the scientific research, and the methodology of science itself. It put also in evidence the situation and disputes were carrying on between scientists and also their institutions, producing a portrait of the science at this time in Brazil.

## O Autor

ALFREDO TIOMNO TOLMASQUIM é pesquisador titular e chefe do Departamento de Informação e Documentação do Museu de Astronomia e Ciências Afins. Doutor pela UFRJ, fez o pós-doutorado no Edelstein Center for the History and Philosophy of Science, Technology and Medicine da Universidade Hebraica de Jerusalem.